

Fórmula suíça para resolver a nossa dívida

FROTA NETO
Correspondente

Excluir os bancos privados internacionais do circuito direto, substituindo-os pela ação exclusiva do Fundo Monetário. Esta a proposta para tratar a dívida externa e desafogar a economia brasileira apresentada por François Lugeon, presidente da Câmara de Comércio Suíço-Brasileira. Ele apresentou essa solução em discurso que pronunciou durante a Assembleia Geral daquela Câmara de Comércio, realizada em Berna, com a presença de membros da comunidade financeira internacional e dos governos da Suíça e do Brasil.

Segundo François Lugeon, a "fórmula desejável" teria a seguinte característica: o Fundo Monetário emitiria obrigações de 15 a 20 anos, a uma taxa reduzida (Spread de 0,5% ao ano). Essas obrigações seriam entregues aos bancos credores do Brasil contra a cessão compulsória dos créditos que eles têm junto ao nosso País. O FMI, desse modo, reduziria as taxas aplicadas aos países devedores e lhes daria mais tempo para pagar suas dívidas.

Essa fórmula. Disse ele. E também abrangente para todos os demais países do Terceiro Mundo que enfrentem dificuldades no pagamento de suas dívidas. Ela deve ser levada em consideração, argumentou ele, porque não basta considerar novos prazos de carência e novas taxas de juros nas negociações dos governos dos países devedores com os bancos privados. Isso porque, acrescentou François Lugeon, os programas de reestruturação da dívida estão prevendo prazos de pagamento entre 3 e 7 anos, o que é pouco realista, pois os países devedores têm necessidade de prazos de 5 a 20 anos. Por seu turno, as taxas de juros estão altas, tornando ainda mais difícil a situação dos países endividados. Pela sua proposta de ação exclusiva do FMI as vantagens seriam mútuas para banqueiros e países endividados: os países devedores ficariam aliviados da premência de pagamento e os bancos melhorariam a qualidade dos seus demonstrativos financeiros.

Quanto à posição do seu país, o presidente da Câmara de Comércio disse "ser absolutamente imperativo que nessa fase de dificuldades, a Suíça se mantenha presente, compreensiva e paciente, apesar dos problemas financeiros do Brasil". O interesse suíço numa melhoria da performance da economia brasileira é explicado pelo secretário-geral da Câmara, Pierre Dubois. Seus demonstrativos são de que os investimentos da Suíça no Brasil totalizam em torno de dois bilhões de dólares (o que coloca logo após os EUA e a Alemanha Federal como investidor estrangeiro no Brasil) simbolizados em empresas tais como Nestlé, Roche, Sandoz, e Ciba-Geigy, num total de oferta de 20 mil empregos. O Brasil é hoje o 19.º fornecedor e o 29.º comprador da Suíça.